

ILHA SEM FANTASIAS

TIAGO FARIA

DA EQUIPE DO CORREIO

O Festival de Brasília não foi à *Cidade de Deus*. Não testemunhou o massacre de *Carandiru*, nem se comoveu com *Dois filhos de Francisco*. Sucessos de bilheteria? O público fez que não percebeu. Talvez ainda sob impacto da poesia delirante de *Lavoura arcaica* (2001), entendeu o recado e, apaixonadamente, abraçou uma nova realidade. A mostra mais importante do país entrou no século 21 também a mais desconcertante, a mais radical. A antifesta.

Em vez de Daniel Filho e da Globo Filmes, celebramos o B.O. (as produções de baixo orçamento). Deslumbramo-nos com uma Dira Paes dura na queda, a musa que arranca orelhas com dentadas (no infame *Lua Camará*, de 2002). Cláudio Assis atirou pimenta nos olhos de uma platéia indecisa entre aplaudir e vaiar. Contra a mesmice, os fragmentos do discurso de Julio Bressane ganharam sentido renovado. Dois filmes fizeram falta durante esse tempo todo, nem que para agregar valor simbólico à mutação: *Cronicamente inviável* e *Contra todos*.

Mesmo quando o cinema brasileiro entoava o coro do “estamos todos bem”, Brasília duvidou. Complicou. Quem se espremeu no carpete para assistir a *Baixio das bestas* tinha sede de um Brasil não-oficial. Buscou denúncias violentas, explícitas. O choque e a discordância. Não foi uma década de meios-termos. Experimente resumir essa história recente: produções mais amenas, como *Depois daquele baile* e *A festa de Margarette*, serão picotadas da edição final. O desbunde da retomada não resistiu à indignação, à desilusão, ao pavor sabe-se lá de quê.

Sessão inesquecível? Se é para escolhermos uma, que seja a de *Peões*, em 2004. Consagrado com *Santo forte* (1999), Eduardo Coutinho retornou à capital acompanhado das esperanças dos operários do ABC Paulista, canteiro de formação do presidente Lula. Ao final da projeção, o Cine Brasília caiu em estranho desconforto – e driblou a saia-justa com aplausos encabulados. Era o cinema como espelho de ilusões maltratadas, de crise silenciosa do próprio espectador. A edição de 2006 – uma das mais políticas e polêmicas da história do festival – prolongou o mal-

estar. A ditadura militar (*Batismo de sangue*), a exploração de mulheres (*Baixio das bestas*), a infância abandonada (*Querô*), o Nordeste ao deus-dará (*O engenho de Zé Lins*), a violência em favelas (*Jardim Ângela*). Mais que arte, era o Brasil na berlinda.

Não queríamos só saber do que podia dar errado. Anacrônica como o próprio festival, a marcha de universitários elegeu Sílvio Tandler como o bastião do idealismo retrô. Caiu de amores novamente por Glauber Rocha (*Glauber, o filme*), defendeu o discurso antiglobalização de Milton Santos (*Encontro com Milton Santos*) e, de vez em quando, até criou algum falatório estético em torno da gramática de um Beto Brant (*O invasor*), de um Luiz Fernando Carvalho (*Lavoura arcaica*). Fez corrente pra frente em prol do cinema jovem de Laís Bodanzky (*Bicho de sete cabeças*) e de José Eduardo Belmonte (*A concepção*). Transformou praça de alimentação em palanque. Declarou guerra ao fotograma tímido, de rabo preso. Torceu pela ousadia e colheu o que plantou: aos 40 anos, o festival revela-se mais inconstante, mais inquieto, mais intransigente. Cada vez mais novo.